

Operação Compliance Zero

» Entrevista | **CELINA LEÃO** | GOVERNADORA DO DF

“O BRB foi devolvido ao Distrito Federal”

Acordo articulado no STF para salvar o banco, crise financeira, saúde pública, expansão do metrô, bastidores políticos e planos para o futuro do DF foram os temas de entrevista exclusiva com a chefe do Executivo Local

» PAULO GONTIJO
» MILA FERREIRA
» ANA CAROLINA ALVES
» ADRIANA BERNARDES
» JOSÉ CARLOS VIEIRA

Em entrevista exclusiva ao **Correio**, a governadora do Distrito Federal, **Celina Leão** (PP), detalhou, ontem, os bastidores do acordo firmado entre o Governo do Distrito Federal (GDF), a União e o Banco de Brasília (BRB) para viabilizar empréstimo de R\$ 6,5 bilhões junto ao Fundo Garantidor de Crédito (FGC). Mediada pelo ministro Luiz Fux, do STF, a negociação destrava o empréstimo bilionário à instituição, depois da fraude provocada durante as negociações do BRB com o Banco Master, de Daniel Vorcaro. Na conversa, Celina afirmou que o BRB “foi vítima”, elogiou a postura institucional do governo federal e garantiu que o balanço do banco será entregue “positivo”, mas não definiu data (a última previsão era de que seria entregue hoje). A governadora falou sobre arrocho no orçamento, mudanças no secretariado, prioridades para saúde pública e os desafios de governar em meio ao período eleitoral.

Minervino Junior CB/DA Press.



Como foram os bastidores das negociações para salvar o BRB?

Em menos de 50 dias, que é o período em que estou como governadora, enfrentamos muitos desafios. Primeiro porque estamos em um momento pré-eleitoral e alguns pré-candidatos jogavam contra a instituição (BRB), trazendo informações falsas, muitas vezes, até configurando crime contra o mercado financeiro. Mas nós atuamos sempre com responsabilidade. Quando assumi o governo, busquei imediatamente o Banco Central. Marquei reuniões com bancos, fui duas vezes a São Paulo, conversei com o FGC em mais de uma oportunidade e participei de todas as reuniões necessárias. Era importante mostrar que o controlador (o GDF) não abandonaria o banco. O BRB não seria liquidado. O banco tem personalidade, tem um controlador forte, e isso fez toda a diferença para o desfecho positivo.

Muito se falava em privatização, federalização ou outras saídas. Mas qualquer alternativa que não fosse a manutenção do BRB como banco público seria uma solução menor. O BRB não pode perder o tamanho que tem hoje. O banco foi vítima de tudo o que aconteceu. Foi vítima dos crimes que foram cometidos. E nós tínhamos dois problemas graves para resolver. O primeiro era a liquidez. Banco vive de credibilidade. Quando começam os boatos, as pessoas ficam inseguras.

Nós conseguimos resolver isso com algumas medidas importantes. Fizemos a venda de títulos, avançamos na securitização de dívidas e colocamos recursos no banco para garantir liquidez. Mas ainda havia um problema contábil, que era a questão do capital. E isso só seria resolvido por meio

de um empréstimo. Se nós tivéssemos um Capag A, que é a nota classificatória das contas públicas do GDF, o aval da União seria automático. Mas, como estamos com Capag C, isso não aconteceu. Então entramos com uma ação no Supremo Tribunal Federal (STF).

Eu faço questão de destacar a atuação do ministro Luiz Fux. Brasília precisa reconhecer o papel dele nesse processo. Ele teve sensibilidade para compreender a gravidade do que estava sendo apresentado. Em 24 horas, notificou a AGU (Advocacia-Geral da União) para que se manifestasse. É

importante esclarecer: nós não pedimos aval da União. O que pedimos foi a dispensa da exigência do Capag C. Esse era o centro da ação. O ministro entendeu que o pedido era razoável porque o GDF não tem histórico de endividamento. Nós estamos diante de uma fotografia momentânea. Com gestão, reorganização das contas públicas e compliance, nós vamos superar isso rapidamente. Inclusive, as contas do DF já estão melhores do que quando assumi.

Como esse dinheiro chega ao banco? Existe prazo?

O recurso entra de uma vez só e já integraliza como capital. Assim que entrar, o banco consegue fechar um balanço positivo. Ainda não tem uma data exata, porque existem etapas burocráticas. Mas hoje o ministro Fux pediu agilidade ao FGC (Fundo Garantidor de Crédito) e deixou claro que o prazo precisa ser aquele que não cause dano à situação do banco. Então, o balanço vai aguardar a entrada desses recursos. Data exata ainda não temos. Mas posso garantir duas coisas: o balanço será entregue e será positivo.

A senhora teme um novo rebaixamento do banco das agências de risco?

Não, porque tudo isso foi pactuado coletivamente. Na mesa estavam representantes do Banco Central, procuradores, diretores, integrantes da AGU e do Ministério da Fazenda. Mesmo com diferenças ideológicas, houve diálogo. Nós somos um governo de direita. O governo federal é de esquerda. Mas o BRB é maior do que qualquer disputa política. A cidade é maior do que isso. Foi uma demonstração importante de pacto federativo. Um colapso do BRB seria ruim

para o mercado financeiro e devastador para Brasília. Todos os serviços públicos do DF passam pelo banco. Então essa negociação terminou com todos ganhando.

Quais serão as prioridades do BRB daqui para frente?

A principal é instalar um sistema de compliance forte. Independentemente da gestão, o banco precisa ter mecanismos rígidos de controle para impedir que algo assim volte a acontecer. Nós queremos deixar algo sólido, com participação dos próprios servidores e acompanhamento dos órgãos de controle. Tenho certeza de que o banco mudou. E vai crescer ainda mais. O BRB volta para as pessoas. Ele é devolvido ao Distrito Federal. Eu sou uma mulher de muita fé. Fiz uma lista de pedidos para Brasília e o primeiro item era salvar o BRB.

O BRB vai fechar agências?

Essa será uma decisão técnica da gestão do banco. O presidente Nelson de Souza tem autonomia para isso. O foco agora é fortalecer o banco e devolver o BRB para as pessoas.

O que a senhora espera que aconteça com os envolvidos na fraude?

As pessoas precisam pagar. O que aconteceu é muito grave. Nós conseguimos conter o colapso do banco. Porque, se o BRB quebrasse, seria algo impagável para o Distrito Federal. Quem levou o banco a essa situação precisa ser responsabilizado. Minha expectativa é de que todas as pessoas envolvidas sejam responsabilizadas. Eu não vou acusar ninguém sem responsabilidade. Seria leviandade da minha parte. Mas espero que todos os responsáveis respondam pelos atos que cometeram.

A irresponsabilidade. O sentimento de impunidade. Pessoas confundindo o cargo de gestor com a posição de dono. Isso é algo que realmente desestabiliza. Muitas das irregularidades que hoje estão sendo investigadas foram descobertas pela nossa própria equipe.

Qual foi o sentimento ao fim desse acordo?

Acho que a população de Brasília viveu um momento muito emocionante, principalmente os funcionários do BRB. Eles tinham até organizado uma carreta sem saber qual seria o resultado das negociações e estavam desesperados. Quando eu cheguei lá, muitos choraram. Foi muito bonito ver aquele sentimento de alívio. Foi uma etapa muito difícil. Tivemos muitos problemas e, como era um momento pré-eleitoral, muita gente jogou contra o BRB. E quando você joga contra o BRB, você joga contra a cidade. Desde o começo eu pedi reconciliação, serenidade e responsabilidade.

» **Leia mais**
na página 14